

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO “MOTO DE MULHER”, DE JARID ARRAES: SUBVERTENDO AOS PAPÉIS DESIGNADOS À MULHER

Régia Adrienne Alves Lopes¹

Liebert de Abreu Muniz²

Maria do Socorro Souza Silva³

RESUMO

O presente trabalho analisa a representação da mulher no conto “Moto de Mulher” que está inserido no livro *Redemoinho em dia quente* (2019), de Jarid Arraes. Com isso, analisamos como a protagonista no conto “Moto de Mulher”, de Jarid Arraes, é vista no contexto social sob influência de valores patriarcais. Para tal fim, como aporte teórico, usamos as contribuições dos seguintes autores: Dalcastagnè (2012) e Lourenço e Markendorf (2000) que abordam a literatura contemporânea, assim como Zolin (2009) que discorre sobre a literatura de autoria feminina, como também Schmidt (2000) e Zolin (2009) que trazem conceitos relacionados à representação da mulher na sociedade. A pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico primeiro porque partimos de um apanhado de conceitos teóricos aplicados à leitura crítica do texto literário, depois pelo fato de termos como objeto de estudo a própria obra literária. A análise realizada possibilitou observar que no contexto da narrativa a mulher é vista pela sociedade como inferior e menos capaz devido à sua condição de gênero, o que pode ser lido como reflexo dos resquícios do patriarcalismo que ainda hoje opera socialmente influenciado pelas opiniões das pessoas.

Palavras-chave: Gênero. Sociedade. Literatura Contemporânea.

ABSTRACT

This paper analyzes the representation of women in the short story “Moto de Mulher”, which is included in the book *Redemoinho em dia quente* (2019) by Jarid Arraes. With this, we analyze how the protagonist in the short story “Moto de Mulher” by Jarid Arraes, is seen in the social context under the influence of patriarchal values. To this end, as theoretical support, we used the contributions of the following authors: Dalcastagnè (2012) and Lourenço and Markendorf (2000) who deal with contemporary literature, as well as Zolin (2009) who discuss literature by female authors, as well as Schmidt (2000) and Zolin (2009) who bring concepts related to the representation of women in society. The research is a bibliographical study, firstly because we started from a collection of theoretical concepts applied to the critical reading of literary texts and secondly because the object of study was the literary work itself. The analysis made it possible to observe that in the context of the narrative, women are seen by society as inferior and less capable due to their gender status, which can be read as a reflection of the remnants of

¹Discente do curso de Letras Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

²Professor. Dr. do adjunto do curso de Letras- Português do departamento de Linguagens e Ciências Humanas.

³Profa. Ma. Aluna do curso de doutorado no programa de pós-graduação em letras – (PPGL UERN).

patriarchy that still operates socially today, influencing people's opinions.

key words: Gender. Society. Contemporary Literature.

1 INTRODUÇÃO

A literatura está imersa em nosso cotidiano, com isso ela nos possibilita expressarmos os nossos desejos/sentimentos por meio dos textos literários. Diante das palavras de Rildo Cosson (2009), no “[...] texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.” (Cosson, 2009, p. 160). Nessa perspectiva, compreendemos de forma sucinta que o texto literário é capaz de nos proporcionar um melhor entendimento sobre nós e sobre o outro que pertence ao convívio social ao qual fazemos parte.

Entretanto, apesar de a literatura permitir que as pessoas ensejem sobre seus sentimentos, através dos escritos literários, não eram todas as pessoas que tinham a possibilidade de estarem inseridas no âmbito da literatura que foi por longa data dominada pelos homens. Dessa forma, as mulheres não tinham as mesmas oportunidades que os homens, porque eram tidas diante da sociedade como incapazes de ingressar na literatura por questões de gênero. Mesmo diante de todas as adversidades encontradas neste cenário machista, as mulheres conseguiram desenvolver obras literárias utilizando-se de pseudônimos para não terem suas identidades reveladas.

Diante disso, temos como exemplo a Amandine Dupin, mulher romancista, articulista e memorialista que escreveu vários livros com o pseudônimo de George Sand. É importante ressaltar também que a mesma participou de movimentos feministas, e atualmente é considerada como uma das valorosas autoras francesas do século XIX. Temos também Nair de Tefé, uma mulher brasileira que era considerada a frente do seu tempo, pois era pintora, pianista, atriz, cantora, caricaturista e escritora, já que escreveu várias obras literárias com o pseudônimo de Rian. Bragantini (2018).

Com isso, ao passar dos anos, aconteceram diversas lutas, sendo elas relacionadas a obtenção dos direitos sociais das mulheres, e através desses conflitos as mulheres conseguiram ganhar espaço para além do âmbito familiar, conseguindo assim, obter mudanças relevantes no campo literário, pois segundo Zolin (2009), foi através dos escritos literários de autoria feminina que as mulheres começaram a ter oportunidade de se expressar. Dessa forma, o feminismo tinha o intuito de propagar que as mulheres poderiam escrever literatura, e por esse motivo causava

desconforto nos esquemas representacionais, ou seja, essa tática visava representar a figura feminina por um viés patriarcalista, no qual as trajetórias, imagens e desejos femininos eram representados pela perspectiva do homem branco e de classe alta, e a chegada da autoria feminina causou um impacto negativo aos olhos dos homens e do corpo social. Dessa maneira, o movimento atuou de forma significativa, pois as mulheres começaram a ter oportunidade para colocar em prática seus escritos, e com isso representar a figura feminina de acordo com perspectivas anti patriarcais.

Inclusive, é pertinente ressaltarmos que em se tratando da literatura brasileira contemporânea muitas escritoras não têm a notoriedade merecida por pertencerem ao gênero feminino, e também por serem negras/negros de classe econômica desfavorável. Assim, o percurso da literatura brasileira contemporânea vem enfrentando várias adversidades atreladas a esses indivíduos que estão fazendo parte dela. Com isso, obras contemporâneas não estão isentas de passar por depreciação, já que alguns dos escritos não possuem uma escrita que segue o padrão da norma culta, como também por retratar fatos que acontecem no cotidiano, por possuir autoras que não fazem parte do cânone literário, entre outros entraves que as autoras da atualidade ainda enfrentam (Dalcastagnè, 2012).

Assim sendo, o preconceito de gênero, por exemplo, faz com que a escrita feminina seja vista como minoria em relação às demais obras. Além disso, há um “[...] desconforto causado pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas” [...]” (Dalcastagnè, 2012, p. 05), isto é, novas perspectivas de pensar sobre o outro e sobre o mundo são dissemelhantes das outras abordagens presentes em obras contemporâneas escritas por mulheres. Por isso, causa um desconforto aos olhos de quem não compreende a pertinência da literatura feminina contemporânea, visto que a contemporaneidade pode nos especificar, de uma maneira clara e objetiva, acontecimentos criteriosos trazidos pelo patriarcalismo que até hoje se perpetuam.

Em vista de a literatura contemporânea possuir atuais concepções de falar sobre o outro, trazendo novas abordagens de discutir sobre as situações corriqueiras do dia a dia, é importante frisar que a contemporaneidade está atrelada à forma que o autor escreve seus textos, pois além de trazer a presença do cotidiano no texto, também reinventa o realismo fazendo com que a personagem na obra se aproxime da realidade (Lourenço; Markendorf, 2000).

A partir disso, decidimos utilizar o livro *Redemoinho em dia quente* (2019), de Jarid Arraes, para analisarmos a representatividade da mulher no conto “Moto de Mulher”. O livro está inserido em meio a literatura contemporânea. A obra é organizada em duas partes: a primeira contém dezoito histórias, sendo intitulada por “Sala das candeias”. No bloco em questão, os contos apresentam a história de diversas mulheres, sendo que cada uma delas possui

uma realidade de vida diferente, ou seja, cada protagonista enfrenta obstáculos pela sua condição de gênero. Já o segundo bloco, intitulado “Espada no coração”, contém doze contos. As narrativas deste aglomerado também são análogas ao primeiro grupo, pois retratam também o cotidiano das protagonistas.

Diante disso, as protagonistas aparecem sempre sofrendo preconceitos que reproduzem valores pertencentes ao patriarcalismo. Dessa forma, os contos retratam questões patriarcalistas e fazem críticas sociais que estão voltadas para situações que acontecem no dia a dia. A autora do livro é uma escritora contemporânea, negra, nordestina, cordelista e poeta brasileira, que tem sua produção marcada pela presença de marcas do Nordeste, o que pode ser justificado por ter nascido e sido criada em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE). Além de escrever a obra *Redemoinho em dia quente* (2019), Jarid é autora de outros livros: *Um buraco com meu nome* (2018), *As lendas de Dandara* (2016) e *Heroínas negras em quinze cordéis* (2017).

Diante da coletânea de contos presentes na obra, selecionamos para análise o texto “Moto de Mulher”, que narra a história de uma mulher que enfrentou várias adversidades para realizar o sonho de comprar uma “Moto Honda Vermelha”, pois, por muito tempo, ela ansiava comprar a moto, para assim trabalhar como mototaxista. No decorrer da narrativa, a protagonista passa por vários preconceitos, tendo em vista que para os demais personagens do conto ela não é capaz de trabalhar como mototaxista por ser mulher, uma vez que, segundo a sociedade que possui valores patriarcais, uma mulher não tem a desenvoltura, a capacidade, o domínio para exercer essa profissão que, por muito tempo, foi tida como um trabalho para ser desempenhado por homens. A protagonista enfrentou diversas dificuldades ao longo do caminho, mas não desistiu, continuou tentando, pois tudo que ela mais almejava era ser independente financeiramente.

Assim, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como a protagonista do conto “Moto de mulher”, de Jarid Arraes, é vista no contexto social sob influência de valores patriarcais. Como objetivos específicos: I) abordar aspectos que estão voltados para a literatura contemporânea: crítica social e a representação da figura feminina na sociedade; II) apresentar como a mulher aparece representada no conto sob a visão dos ditames patriarcais; III) analisar a concepção de sujeito feminino pela ótica da protagonista na condição de narrador-personagem, evidenciando as várias barreiras por causa da sua condição de gênero.

A pesquisa realizada torna-se relevante, porque, a partir dela, os leitores poderão observar que, ainda nos dias atuais, a mulher é rotulada como sexo frágil, impotente, inferior e incapaz de realizar determinadas tarefas que são demandadas por homens. Dessa maneira, o posicionamento do corpo social em relação às mulheres é algo que necessita ser analisado e

questionado. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa contribua na conscientização de que, ainda na atualidade, as mulheres são observadas pela sociedade como incapazes de exercer uma profissão que historicamente está associada ao homem, o dominador em exercer tal trabalho. Com isso, podemos observar a relevância que se tem em analisar e discutir temáticas como essa, já que ainda hoje a mulher enfrenta desafios em seu cotidiano quanto ao seu espaço em meio à sociedade.

Além do mais, a pesquisa está atrelada a minha área de atuação, e por isso, me vejo no dever de pesquisar, analisar e discutir sobre a representatividade da mulher não só no universo da literatura, mas também no âmbito da sociedade, pois a maneira que a mulher é vista, vem de discursos da sociedade patriarcal do século XIX que até hoje se perpetua de forma negativa, e por isso, é relevante pesquisar a representação da figura feminina, e através da pesquisa mostrar que as mulheres podem, e têm o direito de exercerem qualquer trabalho que elas quiserem, pois suas habilidades não estão voltadas apenas para ingenuidade, submissão, delicadeza e domesticidade.

Além disso, a pesquisa se torna relevante também porque traz reflexões que podem ser úteis na sala de aula, sendo que o professor de língua portuguesa, ao tomar conhecimento do presente estudo, poderá discutir em sala de aula sobre obras contemporâneas de autoria feminina, pois sabemos que essas obras não possuem o destaque que deveriam ter, e por esse motivo, é pertinente que o professor discuta sobre o porquê do pouco destaque das obras, fazendo assim com que os alunos despertem o senso crítico e tentem analisar o porquê de muitas autoras ainda no século XXI não tem o destaque necessário.

No que se refere ao tipo de pesquisa, o presente trabalho realizou uma pesquisa bibliográfica, pois sabemos que “A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo.” (Sousa, Oliveira e Alves, 2011, p. 66), no qual temos o intuito de analisar as informações expostas no conto a fim de possibilitar uma melhor compreensão de como a mulher está sendo apresentada na narrativa da literatura contemporânea.

O percurso metodológico da pesquisa iniciou pela leitura completa do livro *Redemoinho em dia quente*. Ao encerrarmos a leitura integral do livro, observamos a forma como ele se estruturava, e foram feitos resumos de todos os contos dispostos no livro para possibilitar uma melhor compreensão da unidade da obra e auxiliar no momento de fazer a escolha do conto para análise. Desse modo, escolhemos o conto “Moto de Mulher” para a referida análise. Com isso, buscamos trabalhos que nortegassem o presente artigo, utilizando-se das seguintes bases de dados, sendo elas: Google Acadêmico e Bases e Dissertações da Capes, no qual foram

encontrados artigos científicos e livros relacionados à temática de pesquisa.

Os principais autores que embasaram o artigo foram os críticos literários Camila Morgana Lourenço, Marcio Markendorf (2000) e Regina Dalcastagnè (2012) que abordam sobre a literatura brasileira contemporânea. Lúcia Osana Zolin (2009) que retrata o percurso da literatura de autoria feminina, assim como Rita Terezinha Schmidt (2000) e Lúcia Osana Zolin (2009) que discutem sobre a representação da mulher na sociedade.

O artigo está dividido em quatro tópicos: 1) a parte introdutória na qual fazemos uma breve contextualização e apresentação do estudo; 2) a sessão de referencial teórico em que discutimos sobre a literatura contemporânea, a trajetória das mulheres no âmbito da literatura e a representação das mulheres na sociedade, pois por longa data a figura feminina enfrentou diversos empecilhos para ter espaço na sociedade; 3) contamos também com um tópico de análise das informações observadas a partir do estudo realizado no conto; 4) as conclusões da pesquisa e a lista de referências.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE

O referencial teórico desta pesquisa foi dividido em três tópicos, no qual discutimos sobre a literatura contemporânea, a autoria feminina na literatura e mulheres representadas na sociedade. Tendo como principais autores, Dalcastagnè (2012), Lourenço e Markendorf (2000), Schmidt (2000) e Zolin (2009).

2.1 A contemporaneidade

A literatura contemporânea não está relacionada, somente, ao tempo, mas está entrelaçada a outros fatores que mesclam sua contemporaneidade. Podemos compreender essa concepção quando Loureço e Markendorf (2020) definem contemporâneo a partir do pensamento de Giorgio Agamben, pois, segundo ele:

Apesar de “contemporâneo” nos remeter diretamente a uma questão temporal, Agamben, em *O que é contemporâneo?* e outros ensaios, afirma que esse conceito ultrapassa a temporalidade que ele logicamente implica. Ou seja, “contemporâneo diz respeito ao tempo, mas essa clara associação revela um anacronismo [...]” (Agamben apud Lourenço e Markendorf, 2020, p. 14, grifo do autor)

Diante disso, podemos compreender acerca da percepção de Agamben frisada pelos

autores, que a contemporaneidade está interligada à temporalidade sim, e por esse motivo, surge um anacronismo, ou seja, um erro de cronologia, fazendo com que os fatos de outras épocas se relacionem com fatos do presente. Com isso, podemos compreender a significância que há na contemporaneidade, pois ela é capaz de nos proporcionar uma visão ampla, ou seja, além de podermos enxergar o contexto atual que a personagem está inserida, podemos também através do anacronismo, que cumpre seu papel de dar uma volta no tempo, fazendo com que possamos indagar e contestar sobre o porquê de certas situações estão acontecendo de tal maneira, isto é, um ato que desvalorize a mulher, pode estar interligado aos valores patriarcalistas de outras épocas. De acordo com isso, ainda vale salientar que, a temporalidade e o anacronismo estão entrelaçados de forma relevante, pois a ligação de ambos nos permite observar os acontecimentos da atualidade por outro ângulo, e a partir desse novo olhar, nós podemos entender que, de certa forma, um acontecimento atual pode ter traços de pensamentos trazidos pela época.

Nessa perspectiva que atrela o contemporâneo ao tempo e ao anacronismo, Lourenço e Markendorf (2020, p.14) descrevem que: “[...] o que faz um autor ser contemporâneo é a capacidade de revelar nos textos uma crítica fundamental ao seu momento histórico, ser capaz de ver as luzes, sem se ofuscar por elas, mas, no momento da escrita, revelar as sombras de sua época. [...]”, em outros termos, para ser considerado um autor contemporâneo, é preciso trazer nos textos críticas ao momento histórico, ou seja, mostrar que na atualidade podem existir acontecimentos, por exemplo, que faziam parte de um determinado cenário machista e relacionar-se ao cotidiano. Além do mais, é necessário escrever sem se perder em meio às obscuridades que a época traz consigo.

Tendo em vista que os autores contemporâneos mostram, através da escrita, fatos que transbordam críticas a tal época, é pertinente ressaltarmos que a literatura contemporânea enfrenta dificuldades. Em vista disso, Dalcastagnè (2012) aponta que:

Daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes, tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura, quem deve se contentar em fazer testemunho. A não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre, muito bem disfarçados. Por isso, a necessidade de refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, situam-se dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado. (Dalcastagnè, 2012, p. 05, grifo do autor)

Diante desta concepção de Dalcastagnè (2012), compreendemos que a literatura brasileira contemporânea está cercada por uma hierarquia social, em que pode atuar na maioria das vezes de forma ríspida ou moderada, pois sabemos que muitos indivíduos, como negras/negros, mulheres, pobres, homossexuais e nordestinos não estão autorizados a escrever literatura, como se só os brancos de classe alta pudessem se inserir no âmbito literário. E por essas novas pessoas estarem inseridas na literatura contemporânea, trazendo novas abordagens de escrever sobre o mundo, no sentido de trazer o cotidiano para fundamentar críticas que se associam a determinado acontecimento histórico, por esse motivo, o faz ser observado de forma inferior às outras obras. Diante disso, a literatura contemporânea merece um olhar empático sobre seus escritos, pois o autor contemporâneo explora um campo alheio ao escrever suas obras, e nesse percurso contém vários conflitos. Tendo em vista a literatura contemporânea como um território contestado, Dalcastagnè (2012) descreve que:

[...] publicar um livro não transforma ninguém em escritor, ou seja, alguém que está nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados em concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas. Basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados, como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não têm as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo... (Dalcastagnè, 2012, p. 6)

Conforme o pensamento da autora, podemos compreender que o autor contemporâneo enfrenta barreiras relacionadas ao seu sexo, sua classe social e racial, pois sabemos que a maioria dos acervos literários estão lotados de resenhas de jornais e revistas, mas quando paramos para olharmos quem são essas pessoas que estão sendo consideradas como referência na literatura, percebemos que são homens, brancos que fazem parte de uma determinada classe social.

Dessa forma, as autoras contemporâneas enfrentam um percurso de problemas, pois os escritos da literatura moderna são considerados menores em relação aos do cânone literário, além disso, eles enfrentam a sociedade que os enxergam como minoria pelo tom de pele, ou seja, por serem indivíduos pretos e estarem em uma classe social diferente dos autores que são renomados na literatura.

Em vista disso, frisamos que não basta somente publicar um livro para se tornar escritor, porque depende de quem escreveu a obra, e também como o autor é representado aos olhos da sociedade. Em suma, é importante frisar também que os autores contemporâneos merecem total reconhecimento por parte da sociedade, já que seus escritos carregam consigo

muita resistência, apesar das dificuldades que existe ao longo do caminho, os autores não desistem, continuam resistindo no pequeno espaço que se possui na literatura brasileira contemporânea.

Em síntese, o conceito de literatura contemporânea se une a vários fatores, pois a contemporaneidade não está voltada, somente, para o tempo, mas para a capacidade do autor relacionar ideias da época com fatos do presente. Com isso, o próximo subtópico visa discutir sobre a literatura de autoria feminina.

2.2 Literatura de autoria feminina

A literatura de autoria feminina passou por uma trajetória árdua, pois por muito tempo as mulheres lutaram para conseguir espaço no cânone literário. Os escritos dos homens eram considerados referência na literatura, enquanto, os escritos das mulheres (mesmo quando começaram a escrever) eram vistos de forma inferior, uma vez que até século XIX o que prevalecia era a superioridade masculina, por esse motivo, a produção não era lida com a mesma importância dos escritos masculinos. Com o passar do tempo, as mulheres foram conseguindo ganhar notoriedade mínima, mas para isso acontecer, elas tiveram que passar por grandes adversidades, tendo que se infiltrar, por meios de pseudônimos, para não correr o risco de ter sua identidade revelada. Essa perspectiva é pontuada por Tofanelo (2015), conforme vemos:

Ao olhar para a história, é notável o fato de que, por muito tempo, a mulher ficou excluída do âmbito da literatura. Assim como em diversas outras áreas, o espaço da escrita literária era reservado somente aos homens, donos dos consagrados “cânones literários”. Algumas mulheres que quiseram se inserir nesse meio tiveram de o fazer às escuras, por meio de pseudônimos [...] (Tofanelo, 2015, p. 1)

De acordo com a perspectiva de Tofanelo (2015), podemos compreender que as mulheres foram excluídas do campo da literatura, assim como em outras áreas, porque o âmbito da literatura, em geral, era reservado somente aos homens intelectuais, que tinham grande poder aquisitivo. Ainda assim, tendo em vista que os homens eram considerados donos do saber e as mulheres eram observadas com capacidade mínima em relação a intelectualidade, elas iniciaram suas lutas e a partir do século XIX conseguiram espaço no âmbito da literatura e da sociedade. Diante disso, aconteceram mudanças significativas voltadas para direitos políticos e sociais a partir do século XX. De acordo com essa concepção, Santos (2000) descreve que:

[...] as lutas realizadas por mulheres, desde o século XIX, abriram novos caminhos para a obtenção de direitos políticos e sociais, fomentando

mudanças nas mais diversas searas da sociedade, principalmente, mais incisivamente, a partir de meados do Século XX, promovendo uma sensível transformação da realidade vivenciada. Essa nova realidade social levou-as a empreenderem o enfrentamento do mundo, na busca de constituírem-se sujeitos de sua história, o que motivou a inserção feminina nos mais variados campos de atuação, fomentando o surgimento de estudos em muitas áreas do conhecimento, e, no campo das letras, as mulheres têm alcançado participação expressiva, assegurando-lhes um crescente reconhecimento por parte da sociedade. (Santos, 2000, p. 43)

Como bem pontua Santos (2000), as lutas realizadas por mulheres, desde o século XIX, abriram espaços necessários para elas conquistarem seus direitos, a partir do século XX as mulheres conquistaram uma nova realidade de vida, visto que as lutas proporcionaram outro ponto de vista acerca da mulher. Com isso, o corpo social começou a enxergar as capacidades delas, observando que as mulheres não possuem somente habilidades relacionadas à fertilidade, a dedicar-se ao lar, ao marido e aos filhos, proporcionando uma trajetória repleta de mudanças significativas no âmbito social, no qual, mesmo com todas as adversidades enfrentadas ao longo do caminho, elas não desistiram, continuaram lutando para alcançar direitos políticos e sociais e isso proporcionou a inclusão delas no campo literário.

Diante do fato de que as mulheres começaram a ser observadas pela sociedade com competência no aspecto literário. Por esse motivo, surgiram estudos voltados para analisar escritos realizados por mulheres. Sobre esses estudos, Santos (2010) comenta que:

Estudos pós-coloniais interessaram-se em discutir aspectos relacionados a uma nova teoria para reorientar a análise de obras produzidas por mulheres tanto contemporâneas quanto de outras épocas e a recepção dessas obras junto ao público. Assim, escritoras condenadas ao esquecimento foram alcançando representatividade social, na medida em que o resgate da produção literária dessas autoras contribuiu para mudar a historiografia oficial que, por longo tempo, só levou em conta textos canônicos. (Santos, 2010, p. 43)

Através dessa colocação da autora, podemos dizer que os estudos pós-coloniais estão relacionados também às discussões acerca de escritos que foram produzidos por mulheres, tendo o intuito de analisar obras pertencentes a outras épocas, textos contemporâneos e também expor como as obras escritas pela figura feminina eram percebidas aos olhos do corpo social. Em suma, o estudo pós-colonial foi de suma importância, pois com ele várias escritoras que tinham sido esquecidas ao longo do tempo, foram redescobertas, e assim, foram ganhando notoriedade, mas não o suficiente para serem reconhecidas da forma que mereciam.

É pertinente ressaltar também que os textos descobertos causaram um grande impacto

nos discursos referentes a representação das mulheres no acervo literário, pois por longa data os escritos femininos não eram citados, e dessa forma, sua produção era tida como se nunca tivesse existido. Podemos compreender essa concepção quando Schmidt (2012) fala:

No Brasil, o descobrimento de um acervo significativo de obras esquecidas em bibliotecas públicas e particulares tem gerado discussões acirradas sobre os mecanismos de controle da instituição literária e a violência simbólica do sistema de representações processada pela narrativa das histórias da literatura que manteve e mantém a invisibilidade dessa produção, como se a autoria feminina não tivesse existido. (Schmidt, 2012, p. 65)

Em vista disso, compreendemos que os discursos que rodeavam os escritos das mulheres, foram significativos para os avanços dos estudos feministas, pois ao passar dos anos, surgiram inquietações por parte desses estudos, em relação a representação das mulheres da sociedade, e através dos progressos de estudos feministas, “a mulher vem figurando entre os temas abordados em encontros, simpósios e congressos [...]” (Zolin, 2009, p.01). Dessa maneira, o feminismo vem atuando de forma significativa na representação das mulheres na sociedade, e também no universo da literatura

que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo negativo feminino, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (Zolin, 2009, p. 01)

Em vista desses aspectos abordados, podemos compreender que, desde o século XIX, as mulheres lutavam para conseguir um espaço tanto na vida social, como também no âmbito literário, e ainda hoje na atualidade elas continuam lutando por seus direitos, principalmente no universo da literatura que por muito tempo só os homens poderiam colocar em prática seus escritos, mas o movimento feminista expôs que o gênero feminino também possui capacidades de escrita, e que pode ter seus escritos nomeados com seus próprios nomes sem precisar de pseudônimos para esconder seu gênero. A partir disso, o próximo tópico discute sobre a representação da mulher no âmbito social.

2.3 Representação da mulher na sociedade

Ao olhar para história do século XIX, podemos compreender que, ao longo dos anos, aconteceram mudanças significativas em relação à representação da mulher na sociedade, pois a figura feminina conseguiu se inserir em setores trabalhistas, e atualmente, estão à frente de diversos trabalhos que por muito tempo só o homem exercia, como por exemplo: na política, polícia, engenharia, entres outros cargos. Mas para elas chegarem onde estão hoje, passaram por grandes empecilhos relacionados ao seu gênero.

Em vista disso, sabemos que mesmo as mulheres tendo conseguido um avanço em relação aos seus direitos no âmbito social, compreendemos também que nos dias atuais elas estão sujeitas a ouvirem que suas capacidades são diferentes das dos homens, compreendemos isto quando Cappelle (2013) assegura que quando as mulheres foram contempladas ao direito de trabalhar, em outros âmbitos, não sendo na domesticidade, elas só poderiam executar trabalhos que necessitassem de pouca desenvoltura, como se as mulheres não tivessem habilidades necessárias para efetuar a mesma ocupação de cargos que os homens, pois elas eram vistas como incapazes. Podemos entender isto quando a autora cita:

Apesar do visível aumento de participação feminina no mercado de trabalho, o que se percebe é uma divisão sexual do trabalho muito marcante no Brasil. Ou seja, a concentração de trabalhadoras em setores onde sua presença, ou atuação, é mais aceitável socialmente. O referido aumento do trabalho feminino ocorre, principalmente, nas áreas que pagam baixos salários e, portanto, demandam baixa qualificação. (Cappelle, 2013, p. 162).

De acordo com isso, entendemos que as mulheres passaram um vasto tempo trabalhando em locais que não demandava muitas capacidades, pois as mulheres eram tidas com poucas desenvolturas, e por esse motivo, exerciam trabalhos diferentes dos homens, seus salários também eram qualificados pelo gênero, e os homens acabavam recebendo altas qualificações. Diante disso, a representatividade que as mulheres tinham em meio a sociedade, pode ser justificado quando Schmidt cita:

as mulheres, desde sempre destituídas da condição de sujeitos históricos, políticos e culturais, jamais foram imaginadas e sequer convidadas se imaginarem como parte da irmandade da nação e, tendo seu valor atrelado a capacidade reprodutora, permaneceram precariamente outras para a nação, como bem coloca Mary Louise Pratt em “Mulher, literatura e irmandade nacional”. (Schmidt, 2000, p. 86).

Diante do pensamento de Schmidt (2000), podemos compreender que a figura feminina foi por longa data excluída do corpo social, isto é, elas foram exclusas por causa da sua condição de gênero, pois as mulheres eram vistas pela sociedade como incapazes de comandar um

trabalho supervisionado e administrado pelo homem, tendo seus valores atrelados ao trabalho que exercia no seu próprio lar e a capacidade de gerar filhos. Em vista disso, a relação do trabalho exercido pelas mulheres, por muito tempo, foi atrelada ao trabalho doméstico, como pontua Zolin:

Pesquisas mostram que em meados do século XIX grande parte das mulheres inglesas trabalhava fora como domésticas, costureiras, operarias em fabricas ou em fazendas. De modo que o tédio que supostamente marcaria a existência da mulher idealizada pela ideologia vitoriana não consistia, absolutamente, no seu principal problema; era prerrogativa de uma minoria. Nesse sentido, a oposição erigida contra tal ideologia era impedida por, pelo menos, duas razões: um referente a valores ideológicos, outra a necessidade de sobrevivência. (Zolin, 2009, p. 05)

Como bem afirma a autora, a maioria das mulheres trabalhavam em serviços “encaixados” como propícios para as mulheres, como se não tivessem capacidades para exercer os mesmos trabalhos que os homens exerciam. Dessa forma, elas não tinham espaço para dialogar sobre seus direitos trabalhistas e anseios que cercavam em meio ao trabalho que executavam, pois os valores sociais da sociedade do século XIX não davam liberdade de expressão. É importante frisar também que muitas necessitavam de um meio para sobrevivência e isso pode ser justificado como um dos motivos pelos quais as mulheres não se policiavam pelos seus direitos, pois “mostrar o país, na visão de muitas mulheres, era um ato desafiador, pois elas estariam problematizando as bases das ideologias masculinas da nação” (Schmidt, 2000, p. 89).

Diante disso, podemos compreender que se impor em meio à sociedade patriarcal era um ato desafiador, pois as mulheres sofriam altas consequências de julgamento por parte dos homens e das pessoas que só davam importância às ideias masculinas. De acordo com isso, Zolin assegura que:

Na Inglaterra, a condição social da mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas como argumento da suposta inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino. Resulta disso que a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa. (Zolin, 2009, p. 4)

Diante disso, passamos a compreender que a visão da sociedade patriarcal da época em relação às mulheres foi histórica, pois por longa data as elas não podiam usufruir da sua intelectualidade, isso porque era considerado como insubordinação a sociedade, como também

a tradição religiosa, por esse motivo, os homens eram vistos como donos da razão, enquanto as mulheres eram concebidas sem capacidades intelectuais, tendo suas habilidades voltadas apenas para domesticidade, a fertilidade, cuidadora do marido e dos filhos.

Ao passar dos anos, a figura feminina enfrentou e ainda enfrenta na atualidade várias adversidades em relação a sua condição de gênero, e por esse motivo, surgiu o feminismo, movimento que ajudou muitas mulheres na obtenção de seus direitos no âmbito da sociedade, e através dele, as mulheres conseguiram se inserir em meios que antes elas não podiam, como por exemplo, na literatura, na política e em trabalhos que até meados do século XIX só quem podia exercer era os homens. Zolin ressalta sobre o feminismo:

[...] trata-se de um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário. (Zolin, 2009, p. 3)

Em vista do feminismo ter surgido, a representação da mulher na sociedade foi mudando ao passar dos anos, pois foi através dos movimentos feministas que muitas mulheres conseguiram espaço para terem liberdade de expressão, e com isso elas se policiavam em relação a sua condição de direitos dentro da sociedade, lutando por igualdade de gêneros. “A partir de 1850, começaram a ser encaminhadas às autoridades petições advogando o status legal da mulher, como o direito ao voto, obtido em 1918; [...]” (Zolin, 2009, p. 5). Diante disso, podemos compreender que o movimento feminista atuou significativamente na igualdade de gêneros, e por causa dos movimentos, as mulheres conquistaram muitos espaços dentro da sociedade, espaços esses que no século XIX só os homens tinham o privilégio de se encaixarem.

De acordo com os fatos mencionados neste tópico, compreendemos que as mulheres sofreram por condições adversas no âmbito da sociedade, suas capacidades eram medidas, supostamente, pelo seu gênero, como se a figura feminina não fosse capaz de executar os mesmos cargos dos homens. Além disso, passamos a compreender também que a representatividade da mulher na sociedade está atrelada a pensamentos patriarcalistas, pois por longa data o que representava a mulher eram somente fatos relacionados a suas funções no espaço privado do lar, enquanto o homem sempre esteve livre para escolher suas funções. Mas com a chegada do feminismo as adversidades foram mudando, e as mulheres, aos poucos, estão se inserindo nos mesmos meios trabalhistas masculinos. Dessa maneira, elas continuaram

lutando, e até hoje lutam por seus direitos, pois ainda há um longo caminho para se trilhar.

3 OS DITAMES PATRIARCAIS E A SUBVERSÃO DA MULHER NO CONTO “MOTO DE MULHER”.

A análise será feita a partir do conto “Moto de Mulher”, de Jarid Arraes, presente no livro *Redemoinho em dia quente*. A obra apresenta uma série de contos que são pertencentes ao contexto contemporâneo que retratam o cotidiano das mulheres, sendo elas protagonistas que enfrentam adversidades pela sua condição de gênero. Já o conto em questão apresenta o cotidiano de uma mulher que trabalha como mototaxista e enfrenta obstáculos por estar exercendo essa função, que é socialmente convencionado ao universo dos homens. Dessa maneira, a personagem principal se caracteriza como uma mulher forte, por encarar uma sociedade que a enxerga como incapaz, e também por persistir na realização dos seus sonhos. Além do mais, é independente, por estar sempre disposta a encarar sozinha os empecilhos ao longo do caminho, pois tudo que mais almeja é ter uma estabilidade financeira à custa do próprio desempenho. É determinada, visto que continua tentando, apesar das dificuldades ao longo de sua trajetória no trabalho de mototaxista.

Começamos essa análise pelo título do conto, trazendo questionamentos e reflexões sobre o porquê de o texto ser intitulado “Moto de mulher”? No primeiro momento é importante ressaltar que a autora foi perspicaz ao utilizar esse título, pois podemos questionar, a princípio, se há uma distinção entre moto de mulher e moto de homem, se existe uma moto adequada para cada gênero. Com isso, podemos levar em consideração que a sociedade foi convencionada a acreditar que uma moto mais formidável para a figura feminina pilotar é uma moto de pequeno porte, visto que as pessoas acham que o gênero feminino não possui desenvoltura e domínio para pilotar um transporte de grande porte, como se somente os homens possuíssem a capacidade de manobrar uma moto de porte maior. Dessa forma, o título impulsiona uma reflexão sobre a representação da figura feminina na sociedade e como os valores patriarcais se entrelaçam na concepção de muitas pessoas que possuem perspectivas patriarcalistas.

Nas páginas iniciais da narrativa há a apresentação de um acontecimento que marca a visão da sociedade que possui influências patriarcais. Com isso, é demarcado a inferioridade em relação à protagonista: a compra de uma moto que estava na promoção, pois há muito tempo ela vinha procurando maneiras para realizar a aquisição da tão sonhada moto que queria, e quando conseguiu comprar o veículo, só passou em casa para buscar um colete de mototáxi, o qual tinha guardado por três meses, enquanto esperava a oportunidade de adquirir, depois disso,

ela saiu pilotando pelo bairro e, no caminho, uma mulher parou e disse: “Para aí, mototáxi. Parei e ela me olhou assustada quando chegou perto. Oxe, e é mulher, é?” (Arraes, 2019, p. 24). Com isso, podemos interpretar que a passageira que parou a protagonista teve uma reação de surpresa ao ver que quem estava pilotando era uma mulher. De acordo com isso, interpretamos que se caso fosse um homem ela não teria reagido de forma semelhante, pois sabemos que a sociedade está acostumada a ver apenas homens exercendo a profissão de mototaxista.

Mediante a surpresa expressa na fala da passageira ao ver que quem estava pilotando era uma mulher, notamos que há uma visão estereotipada que partiu da própria figura feminina, uma mentalidade que ainda se perpetua, frequentemente, por estar enraizada no meio social e na nossa formação de sujeito. Por esse motivo, as próprias mulheres acabam expressando de forma ingênua discursos que reforçam ainda mais o pensamento da sociedade que possui resquícios do patriarcalismo.

Além do mais, depois do momento que a senhora demonstrou estar assustada, ela subiu na moto e manteve um diálogo com a protagonista, “[..]ela montou na garupa e falou que pelo menos ficava mais à vontade pra segurar na minha cintura. Não segurava na cintura de mototáxi homem que era pra não dar liberdade[...]”. (Arraes, 2019, p. 24). Podemos notar, nesse trecho, uma crítica social, pois evidencia como as mulheres se sentem mais protegidas ao estarem perto de outras mulheres, uma vez que o assédio é recorrente no Brasil, e isso é um dos motivos pelos quais muitas mulheres se sentem apreensivas e inseguras ao estarem perto de homens desconhecidos, ou mesmo conhecidos. Com isso, compreendemos a real necessidade de a mulher estar inserida nas diferentes formas de trabalho, tanto por realização pessoal/profissional, como pelo companheirismo e solidariedade dentro desse grupo minoritário.

A ausência de confiança em homens fica bastante explícita quando a passageira ressalta que: “Não segurava na cintura de mototáxi homem que era pra não dar liberdade.” (Arraes, 2019, p. 24), notamos que essa “liberdade” está relacionada a não demonstrar uma intimidade com o mototaxista homem. Diante disso, notamos que a passageira se comporta de forma contida perto do homem que trabalha como mototaxista, para não mostrar confiança. Além do mais, podemos interpretar também que a “liberdade” que a senhora disse pode estar relacionada a tentativa de combater algo que poderia acontecer com ela, ou seja, demonstrar um comportamento que faça com que ela não seja compreendida de forma diferente, expondo que ela não tem segundas intenções com o homem.

Entendendo que a “liberdade” pode estar relacionada a não transparecer intimidade, podemos compreender que o medo que as mulheres sentem ao pensarem que estão dando

“liberdade” vem de discursos da sociedade patriarcal, visto que a forma como as mulheres se expressam, sendo elas de modo mais simpático, carinhoso, são vistas por alguns homens como se estivessem exteriorizando interesse, evidenciando com isso uma crítica social aos ditames patriarcais que ainda ressoam nos comportamentos de homens que acreditam que uma mulher não deve interagir com um homem para não ser concebida como perversa, e muitas vezes, as próprias mulheres se regulam em seu comportamento por medo de serem repreendidas pelos pais, irmãos, maridos e filhos.

Assim, é de suma importância discutir acerca da crítica social em relação à “liberdade”, pois sabemos que esse assunto é bastante polemizado, mas ainda assim não possui a relevância que deveria ter, por isso ao trazer essa questão à tona, os leitores/sociedade podem refletir sobre como muitas mulheres são tratadas no cotidiano, pois muitas acabam se sentindo inferiorizadas e receosas ao se deparar com situações que a façam se questionar sobre seus próprios posicionamentos, o medo de acharem que estão dando “liberdade”.

No decorrer da narrativa, a protagonista foi seguindo o itinerário dito pela passageira: “Fui deixar essa mulher tão longe que eu nem sabia onde era aquilo. Ela foi me ensinando. Parecia que não ia chegar nunca. O sol rachando.” (Arraes, 2019, p. 24), ao chegar no local em que a passageira disse, a senhora indagou quanto era o valor do percurso e a protagonista não soube o que responder, pois ela não tinha noção do preço a ser cobrado, mas depois respondeu: “Falei que era oito conto e fiquei pensando por que eu tinha falado “conto” [...]” (Arraes, 2019, p. 24).

Depois deste ocorrido a protagonista ficou se auto julgando, e falando para si mesma: “O resumo era, então, a minha burrice. Otária demais, só oito reais. Dirigindo na chinelada, com medo de qualquer cara de macho que aparecia nas calçadas. Eu só achava que iam me roubar. Imagina se levam minha moto zerada que não deu tempo nem de sujar os pneus direito.” (Arraes, 2019, p. 25). Assim, percebe-se que a protagonista se sentiu insegura por estar em local que, provavelmente, aparentava ser um lugar perigoso, pois em sua fala ela demonstra estar receosa de assaltarem sua moto. E, além do mais, se lamentou por se sentir inferior no quesito de não saber o valor a ser cobrado, pois percorreu um longo caminho e cobrou um preço que não condizia com o percurso que ela transcorreu e o perigo enfrentado.

Na passagem citada é possível observar a visão da própria protagonista em relação às suas atitudes, ao mesmo tempo que ela se mostra contraventora ao sistema patriarcal que prevê que a mulher não deve ser mototáxi, ela também se questiona sobre sua falta de habilidade com sua nova função. Ao invés de demonstrar satisfação por estar desbravando caminhos por onde

nunca havia passado, pilotando uma moto grande, ela se cobra, usa o termo “otária”, revelando um posicionamento com resquícios do patriarcado que está enraizado na sociedade.

Diante disso, podemos enfatizar que a autora Jarid nos mostrou através dessa passagem no conto que ainda na atualidade muitas mulheres se sentem inferiores por causa das raízes deixadas pelo sistema patriarcal, pois os autores Boris e Cesídio (2007) asseguram que o patriarcalismo se iniciou no período colonial momento em que o homem atuava com superioridade sobre as mulheres, deixando-as totalmente à mercê das vontades masculinas. Além disso, o trabalho que elas exerciam era dentro do lar, cuidando dos filhos, casa e marido. E fora da esfera doméstica, conduzia os escravos a fazerem as tarefas impostas pelo homem. Além do mais, os autores ressaltam também que as mulheres eram irrelevantes no quesito do trabalho, de indagar opiniões, de fazer o que achavam que era correto para elas, pois para o patriarca elas só eram relevantes na procriação, nos cuidados da domesticidade e da família, e por existir essas raízes, muitas mulheres acabam se rotulando como inferiores, pois o patriarcalismo é histórico, e deixou marcas por onde passou, marcas essas que fazem as próprias mulheres desacreditarem da sua inteligência e do seu potencial em qualquer trabalho que possa exercer.

Os próximos momentos do conto revelam que a figura feminina está sendo vista de modo inferior, e isso é notado a partir do diálogo entre a protagonista e um homem que estava no ponto de mototáxi. A protagonista estacionou sua moto no ponto de mototáxi e, logo após, um homem disse que para estacionar naquele lugar precisaria fazer um cadastro com Zé, porque ele foi o primeiro mototáxi a lutar na prefeitura para conseguir o direito de parar perto do sinal. No decorrer da conversa entre os dois, o personagem masculino fala que nunca viu uma mototáxi e, além do mais, frisou que a profissão não ia dar certo para ela, ressaltando também a questão do perigo que ela iria enfrentar por estar exercendo o trabalho. O fragmento abaixo mostra o diálogo da mototaxista e o personagem que definiu suas capacidades por ser mulher:

Parei a moto num ponto de mototáxi perto da padaria, mas veio um cara falar que tinha que se cadastrar pra ficar ali. Eu perguntei como que fazia o cadastro e ele respondeu que era só com Zé, que tinha sido o primeiro mototáxi a começar aquele ponto. Que lutou na prefeitura e tudo pra ter o direito de parar perto do sinal, do lado da faixa de pedestre. E, além do mais, nunca tinha visto mototáxi mulher. Isso não ia dar certo. E o perigo? Era perigoso ser mototáxi. Ser mulher mototáxi, então. E minha moto era pesada, se fosse pelo menos uma Biz. Eu disse que Biz não era moto e que tá bom, depois eu passava pra falar com Zé.” (Arraes, 2019, p. 25).

O diálogo entre eles mostra exatamente a grosseria por parte dele, pois a protagonista que trabalha como mototaxista foi mal recepcionada ao chegar no ponto do mototáxi, ela foi

vista de forma preconceituosa por estar no mesmo meio de trabalho que eles. É nítido que, a todo momento, o personagem era arrogante e procurava, de alguma forma, fazer com que ela se sentisse inferior em relação ao trabalho que estava exercendo, tentando também fazer com que ela desistisse da profissão, por exemplo ao falar que “nunca tinha visto mototáxi mulher, isso não ia dar certo.” A maneira que ele ressalta esse pensamento é de forma machista, como se uma mulher não tivesse capacidade de trabalhar como mototaxista e só os homens pudessem exercer esse trabalho.

Além disso, o fato de precisar da permissão do homem nos faz pensar sobre os aspectos privilegiados do sistema patriarcal, pois a todo momento o personagem que estava no ponto de mototáxi ressalta a voz de supremacia, inferiorizando a protagonista. Com isso, é possível perceber o machismo ao tratar a protagonista de forma diferente por ser mulher. A realidade abordada pelo conto é comum acontecer em outras profissões também e, infelizmente, essa ideia de superioridade do homem em relação à mulher, no que se refere ao mercado de trabalho, ainda se perpetua nos dias atuais.

Inclusive, Abramo (2007) fala que as mulheres eram vistas com boas desenvolvimentos apenas na domesticidade, e por esse motivo, o homem emanava superioridade, pois era tido como o provedor econômico da rede familiar ao qual fazia parte. Além do mais, por longas datas, as mulheres só poderiam estar nos lugares trabalhistas que eram “propícios” aos homens se caso eles estivessem passando por problemas que os afastasse por um tempo, e a mulher tinha o dever de exercer tal emprego para sustentar o meio familiar, mas depois que o homem ficasse apto para trabalhar, a mulher voltava para a esfera doméstica, e por isso, a figura feminina estava sempre no segundo plano, enquanto eles estavam no primeiro. Com o passar dos anos, elas foram conseguindo se inserir nos mesmos trabalhos, mas a remuneração recebida era inferior, pois o que constava era que a mulher não precisava, necessariamente, de um trabalho, porque tinha o marido para sustentá-la.

Diante disso, compreendemos que ainda nos dias atuais existem raízes deixadas pelo patriarcado, e por esse motivo, a maioria dos homens tratam as mulheres como inferiores. E o conto nos mostra essa realidade vivenciada, pois o homem tratou a protagonista como se ela não soubesse o que estava fazendo, como se não fosse capaz de exercer o mesmo trabalho que ele por causa da sua condição de gênero, já que as pessoas que possuem influências patriarcalistas enxergam e rotulam a figura feminina como débil, precária e secundária.

Outro ponto a ser discutido, que marca o machismo no conto, é quando o personagem fala que a moto que a protagonista estava pilotando era pesada demais para ela, e que poderia ser uma Biz, ou seja, uma moto de porte menor e velocidade reduzida também. Esse fato mostra

exatamente que o homem que trabalha como mototaxista trata a protagonista de forma inferior, o que pode ser entendido como uma visão distorcida do mototáxi em relação à protagonista e demais mulheres, por ela está pilotando uma moto de grande porte. Assim, podemos perceber que o homem reproduz em seu discurso valores patriarcais, de maneira que a enxerga como delicada, frágil e incapaz de pilotar uma moto de porte maior, por ser mulher.

Em vista desse pensamento machista, podemos ressaltar o quanto essa passagem do conto é significativa, pois representa, de forma clara, como a mulher enfrenta barreiras criadas por homens que a enxergam menor ou insuficiente para exercer determinadas funções. O conto mostra que, ainda na atualidade, a figura feminina sofre quando precisa estar inserida no meio das profissões que tem como base o homem, como se somente eles tivessem o domínio, a capacidade de exercer tal trabalho.

É pertinente frisar outro ponto: o silenciamento, pois muitas mulheres se sentem sem poder de fala quando se deparam com situações que a fazem se sentirem insignificantes. Jarid traz uma situação que é perceptível na atualidade: quando as mulheres estão dialogando com homens e, no meio da conversa, discursos machistas são expostos. A autora destaca isso na narrativa, a partir do momento que o personagem estava na parada dos mototaxistas, pois ele falou que a moto que a protagonista estava pilotando era de porte grande, pois deveria ser uma Biz. E, depois disso, a protagonista se expressou da seguinte forma: “Eu disse que Biz não era moto e que tá bom, depois eu passava pra falar com Zé.”. Depois desse momento, ela saiu do ponto de mototáxi e foi direto a igreja do Salesiano, e ao chegar, refletiu no seu íntimo: “uma coisa ruim na boca, como se eu não tivesse dado o troco e as palavras estivessem todas amontoadas ali. Ouvi e não falei nada. Que tipo de resposta era ‘Biz não é moto’?”. (Arraes, 2019, p. 25).

Com isso, percebemos que a mototaxista não conseguiu se expressar da maneira que queria diante do discurso machista do homem, pois se sentiu inferior por não conseguir se auto defender. Diante disso, sabemos que muitas mulheres se sentem desestabilizadas ao ouvirem discursos como esse, e acabam não argumentando para se defenderem. Com isso, vale salientar que, por muito tempo, as mulheres tiveram suas vozes aprisionadas pela sociedade patriarcal da época, pois tempos atrás as mulheres eram enxergadas sem poder de fala e só o homem era visto com alto índice de poder. Dessa maneira, as mulheres não tinham espaço para dialogar e expressar suas ideias e questionamentos.

Sabemos que o silenciamento das mulheres não é um caso isolado, e sim histórico, pois desde muito tempo as mulheres tiveram suas vozes silenciadas pela supremacia dos homens. Atualmente, na busca dos seus direitos elas são silenciadas quando confrontam a sociedade que

possui valores patriarcais. Assim, Jarid usa essa crítica social para refletirmos o porquê do silenciamento da protagonista, pois em nenhum momento ela se defendeu. E isso acontece muito no cotidiano de muitas mulheres, pois o medo de confrontar vem à tona, e muitas acabam só digerindo palavras que as fazem se sentirem menores.

Em relação ao silenciamento, Perrot (2003), frisa que o silenciamento sempre fez parte da vida das mulheres, em vista de suas falas estarem atreladas a procriação, já que o que importava para o patriarca não era expressar gostos e opiniões, mas somente a capacidade de gerar filhos. Além do mais, a autora ressalta que o corpo feminino foi por longa data onipresente, isto nos discursos dos poetas, pois os corpos femininos eram expostos em cartazes, quadros e molduras, onde os indivíduos os observava e emanava comentários a respeito do corpo, corpo esse que não poderia se auto defender.

Diante disso, vale salientar, segundo Perrot (2003), que as mulheres foram ensinadas a como deveriam se comportar, levando em consideração que elas tinham que ser recatadas, que não tinham liberdade de se expressarem, de falarem os seus gostos, suas vontades, seus desejos. Em vista disso, compreendemos que o silêncio está entrelaçado a várias adversidades que as mulheres passaram no decorrer de sua jornada no âmbito do corpo social, por esse motivo, ainda hoje muitas mulheres se mantêm silenciadas com medo e angústia do que as pessoas irão falar.

Em vista de todos os aspectos presentes na análise, compreendemos a pertinência de se discutir sobre esses posicionamentos da mulher na sociedade, visto que a protagonista se sentia inferior pelas atitudes das pessoas que a menosprezavam e não acreditaram na sua capacidade de enfrentar as adversidades impostas no caminho que trilhou, pois exerceu uma profissão que é, consideravelmente, medida por perspectivas de uma sociedade que possui influências patriarcais, e esse por motivo, o trabalho de mototaxista é socialmente considerado como uma função que apenas os homens pudessem exercer. Desse modo, é importante frisar a importância do conto em questão, pois traz à tona a representação de uma protagonista que, no seu simples cotidiano, desconstrói as imagens, as ideias de como é ser mulher na sociedade que vivemos atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objeto de análise, o conto “Moto de Mulher”, inserido na obra contemporânea *Redemoinho em dia quente* (2019), de Jarid Arraes, possibilitou a compreensão acerca das obras de autoria feminina, pois através do livro, buscamos entender o percurso da literatura contemporânea, visto que ainda nos dias atuais não tem toda a notoriedade merecida. Desse

modo, tornou-se relevante discutir sobre a trajetória das mulheres na literatura, já que não foi um caminho fácil a se trilhar. Além disso, discutimos também a representação da mulher na sociedade, pois como é sabido ainda na atualidade muitas mulheres sofrem preconceitos no âmbito do trabalho pela sua condição de gênero.

Diante da análise realizada, compreendemos os aspectos que fazem parte da literatura contemporânea, a crítica social e a representação da mulher no corpo social, já que uma das críticas que a autora traz à tona é a questão do silenciamento, pois não é algo isolado, e sim histórico, pois por longa data as mulheres foram, e ainda são silenciadas, no quesito de não dialogar sobre seus anseios e projetos futuros, e por esse motivo, ainda na atualidade há resquícios desse silenciamento, pois muitas mulheres acabam só digerindo as palavras, por causa do medo relacionado ao posicionamento das pessoas que possuem influências patriarcalistas.

Além disso, analisamos e apresentamos como a protagonista foi representada no conto sob a visão de ditames patriarcais, sendo que a protagonista do conto “Moto de mulher”, de Jarid Arraes, sofre pela percepção do corpo social que possui um olhar infame em relação às atuações da mulher da sociedade em que vivemos. Além disso, observamos que, ainda hoje, existem raízes deixadas pelo sistema patriarcalista, e por esse motivo, as influências se tornam explícitas no quesito de tratar as mulheres como inferiores em relação ao gênero masculino. Além do mais, constatamos a concepção de sujeito feminino pela ótica da protagonista na condição de sujeito narrador-personagem, evidenciando assim, que em momentos da narrativa a própria protagonista se enxerga como inferior, por causa das raízes patriarcais, já que por longa data as mulheres não tinham o direito de exercer trabalhos fora da esfera doméstica.

Para tal fim, a escrita da autora, dotada de críticas sociais, nos mostrou, de forma precisa, as adversidades que acontecem, corriqueiramente, no dia a dia de muitas mulheres, visto que a literatura, especificamente, a contemporânea é capaz de nos mostrar como está sendo a representatividade da figura feminina antes e hoje, revelando que ainda no século XXI existem resquícios patriarcalistas deixados pelo sistema patriarcal.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**: uma força de trabalho secundária? 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ARRAES, Jarid. *Redemoinho em dia quente*. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2019. E-book

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves.; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes.; SOUZA, Natácia Lamoglia de. Mulheres, Trabalho e Administração. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9875>. Acesso em: 16 dez. 2023.

DEZ autoras que publicaram sobre pseudônimos masculinos. Revista Cult, São Paulo, abril 2018. Seção Livros. Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DALCASTANÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea – um território contestado**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

LOURENÇO, Camila Morgana; MARKENDORF, Marcio. **A contemporânea literatura brasileira: poéticas do século XXI em debate**. Florianópolis: Literatura UFSC, 2020.

PERROT, M. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda Santos De; SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 84-97, 01 jan. 2000. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858>. Acesso em: 20 dez. 2023.
SCHMIDT, R. T. (2015). Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. *El Hilo De La Fabula*, (12), 59–72.

SANTOS, Salete. **A Escritura Feminina: uma contribuição para a história da literatura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SOUSA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. **A pesquisa bibliográfica: Princípios e fundamentos**. FUCAMP: Cadernos da Fucamp. 2021.

SILVA, Ana. **Literatura de autoria feminina negra: (Des) Silenciamentos e ressignificações**. Fólio Revista de letras 2010.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. **A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas**. IV SIES. UEM, 2015.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. IPOTESI. 2009

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia o. (org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. Maringá: Eduern, 2009.